Numero 219 — Domingo 25 de Abril de 1886 — 5.º Anno

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO— ANNO 50 (NUMEROS) 1$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 1$125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS 570) RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 2$000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

AVEIRO

OS MAUS CIDADÃOS

O regimen dos costumes é uma balança bem sensivel de qualquer estado social. Onde pesa a firmesa d'animo e a austeridade de caracter, vence a moralidade nacional; onde pesa a corrupção de cada um, vence a degradação do povo. Roma foi abjecta e cahiu, no tempo dos cortezãos devasso; a França cobriu-se de ignominia aos olhos da Europa e foi parar ao atoleiro de Sédan, com as licenciosidades da côrte do ultimo Cesar Bonaparte. Assim Portugal, na dissolução d'este momento tem lavrada a sentença definitiva e final das instituições porque se rege, senão da propria existencia de nação independente.

Disse bem Montesquieu: — «com fortuna acima do vulgar é difficil sêr-se bom cidadão; com os desejos ou as saudades d'uma grande fortuna está-se prompto a praticar todos os attentados.» E é essa, infelizmente, a situação d'este paiz! Onde a massa tem *altura*, onde tem educação, onde é orientada e consciente, vence ella pelo maior numero e conserva o equilibrio nacional, conservando em respeito as classes dissolutas. Onde é uma pobre besta como em Portugal, onde o povo tem a boçalidade ignorante que aqui lhe conhecêmos, o paiz é d'uma burguezia torpe que impera pela força do dinheiro e d'um funccionalismo acretinado que aspira á *fidalguia* na sua pelintragem de dez reis.

E' certo, muito certo:— é-se difficil sêr bom cidadão com fortuna acima do vulgar. Porque n'essas condições, porque n'essa riqueza que é uma macula já de si, que representa o soffrimento e a penuria de tantos individuos, o homem é atreito a olhar só para elle. Embalado nos gosos animaes, possuido do seu unico bem, arrastado pela materialidade da especie, não tem cerebro para os grandes trabalhos da sciencia, nem coração para os grandes sentimentos de fraternidade. Partindo do desprezo dos outros para o engrandecimento individual, aspirando a deslumbrar pela quantidade monetaria, tomando á conta do que vale mais, não o que vale pela somma de honestidade e de talento, mas pela maior perfeição da carruagem, o melhor brilho dos palacios e a melhor qualidade dos cavallos, vae de tombo em tombo, n'esse sonho d'egoismo, até perder as noções de cidadão e portanto de patria e de familia. Por uma corôa de conde deixa a salvação, se fôr possivel, da terra em que nasceu; pelo tom, pelo chic, pela moda, deixa a mulher nos braços dos amigos! E' a verdadeira besta,

Este é um dos cancros da sociedade portugueza, cancro tanto mais perigoso quanto é certo que o proletario que elle rouba ainda o adora como Deus. Mas outro cancro *não menos canceroso* é o eterno *salsa* sem vintem com aspirações de lord.

Esse, é o imitador burguez, como o burguez é o imitador fidalgo. O burguez quer sêr visconde, quer sêr conde, quer sêr duque. O *salsa*, ou seja funccionario publico, ou seja litterato, ou seja gerente industrial, quer ter carros, cavallos e amantes, quer ser rico *simplesmente*. E então, como não o pode sêr, basta-lhe o cheiro de burguez e considera uma distincção suprema ter relações com homens ricos, andar com elles pelas ruas e visita-l'os bastas vezes. E então, para ir até ao fim, falla com o mesmissimo desdem das idêas progressistas, da democracia, da plebe. Se é dama, dobra as pernas com ridiculo *sublime* quando sua magestade a rainha passa no seu trem, ou estafa a grammatica e o senso commum nos discursos que pespega a *sua alteza*, quando sua alteza visita... conventos nas provincias. Se é homem, deixa a mulher no jogo de *passe passe*, para não fugir ao tom, á moda e ao chic.

Eis os dois peiores inimigos da sociedade portugueza, os dois parasitas mais repellentes e prejudiciaes. Eis os dois anti-cidadãos: — burguez d'alta banca, o usurario, o agiota, e o homem do *Turf Club*, do *Jockey Club*, do Real Club d'isto e d'aquillo e da *Associação dos Jornalistas*. Eis os dois zangãos, que consommem e não produzem. Eis os dois representantes, os que melhor identificam esta sociedade monarchica, catholica, beata, devassa, dissoluta, retrograda, damninha, que faz a Avenida em Lisbôa, que dança com o sr. D. Augusto em Aveiro e que nos faz dançar a todos no paiz inteiro com escandalos e illegalidades de toda a ordem. Emquanto existir o predominio, como existe, d'esses elementos, não teremos dado um passo de resultados praticos no caminho da democracia.

COVARDES

Segundo se vê dos jornaes do Porto de todas as côres politicas, o redactor da *Justiça Portugueza* foi alli covardemente atacado por varios individuos da *Associação dos Bombeiros Voluntarios*. Ninguem, mais do que nós, admitte os desforços leaes e decididos. Não ha humilhação para quem publicamente procura desaffrontar-se de qualquer insulto pela imprensa, nem vergonha para o que corajosamente recebe o resultado da desaffronta. Mas por isso mesmo que pensâmos assim, por isso mesmo sentimos a maior repugnancia por uns miseraveis que, sem coragem para atacar um homem frente a frente, vão procurar outros que os ajudem na tarefa gloriosa e heroica. Nunca deixarêmos de estigmatisar essa miseria, por menos consideração que os offendidos nos mereçam. E se a imprensa procedesse toda assim, se fulminasse os pulhas d'essa laia, pulhas que até ás vezes se vão *desaffrontar* nos innocentes e não sahem ás provocações, nem acceitam os desafios successivos dos que verdadeiramente os *affrontaram*, como succedeu comnosco, talvez que as *heroicidades dos valentes* se não estivessem repetindo da maneira escandalosa que se vê. Mas é que a corja dos pulhas até invadiu o jornalismo. Isto é o baixo imperio, sem tirar nem pôr.

AO SR. GUILHERMINO DE BARROS

Em o n.º 216 d'este jornal queixava-nos amargamente d'uma grave falta commettida por acinte— falta que occorreu na direcção do correio d'Arruda das Vinhas.

Como era do nosso dever, enviámos um exemplar d'aquelle n.º ao chefe da repartição do correio d'Arruda das Vinhas, para que este funccionario não ignorasse a nossa queixa, visto que a irregularidade se déra por alli.

Quando suppunhamos que se inquirisse da origem ou do empregado que prevaricou, o jornal que haviamos remettido ao chefe da repartição de Arruda das Vinhas, foi-nos devolvido trazendo escripta na respectiva cinta uma grosseria pulha e malcreada, que nos deu a medida do caracter e da educação de quem a escreveu.

Ahi tem, v. ex.ª, sr. Guilhermino de Barros, um funccionario que ennodôa a corporação dos correios, onde alliás elles existem honestos e dignos. Ahi tem v. ex.ª um subordinado á altura das rameiras que respondem com uma chufa indecente ás admoestações que lhe dirigem. Ahi tem v. ex.ª um membro do funccionalismo postal que merece uma venera pelo original expediente com que cala as reclamações da imprensa.

V. Ex.ª não deve nem póde, por decoro e dignidade de v. ex.ª e dos empregados honestos da repartição telegrapho-postal, deixar sem correctivo um procedimento que exautora uma classe inteira. E' até indispensavel para prevenir futuros actos de mácreação e quiçá de irregularidades no serviço.

Fica, pois, consignada a nossa queixa, esperando que o sr. Guilhermino de Barros não fará esperar as providencias para o facto que apontâmos, e cujo auctor se tornou por demais incompativel com as funcções que exerce.

Carta de Lisboa

23 de abril.

E' terrivel a impressão que domina Lisbôa, no momento em que escrevo esta carta. Os espiritos estão desorientados com o crime mais extraordinario de que ha memoria n'esta terra, e sem duvida dos mais extraordinarios do mundo. O movimento é de pasmo, é de estupefacção, é quasi de loucura!

O alferes alumno Antonio Augusto Alves Martins Marinho da Cruz assassinou hontem no largo da Bemposta o alumno n.º 128 da Escola do Exercito, Antonio Candido Pereira, com a graduação de cabo de Caçadores n.º 12. Porquê? Eis onde está o motivo de pasmo e de estupefacção. Poderiamos dizer ao leitor com madame de Sevigné: — dou-vos uma, dou-vos cem, dou-vos mil para o advinhar. Que imaginasse todos os casos de honra, de exaltação, de ciume, de despeito. Debalde! Ficaria sem atinar com a causa d'essa grandissima infamia.

Entretanto é necessario dizê-l'a para que a sociedade desvie os olhos, horrorisada, d'esse aborto, d'esse miseravel, d'esse emulo de Heliogabalo, infame e miseravel ainda mesmo que seja um louco, o louco mais sordido e baixo que se tem visto por aqui. Ha loucos assim, repugnantes na sua loucura!

E' necessario dizê-l'a mas custa. Custa porque a deshonra nos fere de raspão, porque a vergonha d'aquelle homem não é só para a familia, para os amigos, para os conhecidos que tiveram a infelicidade de lhe apertar um dia a mão; é para a humanidade inteira, que tem d'aquelles vomitos.

Seja; e ella ahi vae. O alferes

---

4 **FOLHETIM**

NA QUARESMA

O CHRISTIANISMO JULGADO FRIAMENTE

(REHABILITAÇÃO DO ESCRAVO.—HYPOCRISIA CHRISTÃ.—OS ESCRAVOS E A BIBLIA. —PAULO. —A LIBERDADE NO TUMULO. —A ESCRAVATURA É UM BEM.—AGOSTINHO: THEORIA DA ESCRAVATURA. — —JESUS ZOOTECHNICO.—A RESIGNAÇÃO. —OS TARTUFOS.— O ESCRAVO MALDITO POR DEUS.)

Zenon, o fundador do estoicismo, dizia:—«Todos os homens são eguaes, só a virtude estabelece entre elles distincções. Todos os maus são escravos, por que o mau não é senhor de si. Só o bom é livre, porque sabe regular as suas inspirações. A escravatura ou provem da conquista, ou provem da compra: a uma e outra corresponde o poder do senhor, que é sempre um mal.»

«Escravo, grita Epicteto, porque supportas teu irmão? A origem d'elle vem de Jupiter, como a tua! E' seu filho, como tu és, nasceu da mesma semente divina... Senhor, recorda-te de quem és e de quem mandas: mandas os teus irmãos por natureza, os filhos de Deus!— Mas eu comprei-os, e elles, não me compraram. —Mas tu desprezas as leis de Deus.» E conclue que todo o ser pensante é livre. «Escravo ou não, é da mesma carne. Quem nasceu para o bem, nasceu, ainda que seja um negro. E' um Scytha, é um miseravel! Não era Anarcharsis um Scytha?»

Ao impulso d'estas idêas, ao contacto dos estrangeiros que abundavam em Roma, sob a influencia de viagens continuas dos romanos ricos na Europa e na Asia, produzia-se um sentimento de caridade, de piedade, de fraternidade cosmopolita. Seneca o pae extasia-se perante a dignidade humana. E indigna-se contra o uso dos ennuchos e dos gladiadores. A proposito d'estes, tem uma phrase profundamente humana:—«O que fizeste tu, desgraçado, para te condemnarem a assistir a um espectaculo d'esses?»

Foi Seneca o filho, Juvenal, que nos deixou o quadro da existencia horrivel dos escravos em Roma: «O seu numero augmentava extraordinariamente todos os dias, diz Tacito, emquanto os homens diminuiam na mesma proporção.» Seneca exclamava tristemente: «Temos tantos inimigos como escravos.»

E como não haviam de ter inimigos? Quinto Flaminius mandava matar um dos seus escravos para mostrar a um dos seus amigos como se matava um homem. Nos festins, nas gigantescas orgias do imperio, em que deitados nos leitos, homens e mulheres, passavam as noites a comer e a beber, entregues a todos os generos de devassidões, a todos os excessos, a todas as insanias, a todas as violencias no embrutecimento e na vertigem da embriaguez, havia montões d'escravos condemnados à immobilidade e ao silencio. Um movimento, um ataque de tosse, uma palavra, e o chicote retalhava-lhes as carnes por entre as gargalhadas dos convivas; enchugavam os escarros, limpavam o vomito dos seus senhores embriagados, dos libertos da vespera ainda mais exigentes de que os seus companheiros de deboche, de mulheres que, para mitigar a sua insaciabilidade hysterica, achavam um allivio no soffrimento dos outros.

Segundo Juvenal, uma mulher diz ao marido:

«Manda erguer uma cruz para este escravo.

—Mas que crime commetteu elle para merecer o supplicio? Onde estão as testemunhas? Quem o accusa? Olha que se trata da morte d'um homem.

—Imbecil! Então um escravo é um homem? Seja. Não fez nada, mas eu quero que elle seja crucificado; a minha vontade é a minha unica razão.»

«Hoc volo, sic jubeo: sit pro ratione voluntas.»

«Aborreço, diz Ovidio, a mulher que dilacera com as unhas o rosto de seus creados e que lhes enterra agulhas nos braços.»

Um senhor seduzia a escrava; a ciumenta mulher do senhor vingava-se.

«Quantas vezes, diz Propercio, a senhora não arrancava os cabellos á desgraçada escrava e lhe não esbofeteava o tenro rosto! Quantas vezes a não lançava em calabouços immundos onde se recusava a matar-lhe a fome e a saciar-lhe a sede!»

«O povo começava a revoltar-se contra estas tyrannias. Tacito conta que tendo um escravo assassinado o prefeito de Roma Pedanius Secundus, e devendo, por uma lei antiga, ser executados quatro centos escravos que habitavam o mesmo tecto do assassino, houve em favor dos innocentes uma sedição popular e no proprio Senado muitos atacaram energicamente aquella severidade. Caius Cassius, um conservador, falou a favor da velha lei e os escravos foram condemnados. Mas era impossivel executar a sentença. A multidão revoltou-se, armada de pedras. Foi preciso recorrer á força.»

Vê-se que a compaixão pelo escravo penetrava um pouco nos costumes. De resto, os philosophos não só protestavam por gritos de indignação de que as suas obras são echo, mas pelo seu proprio exemplo. Plutarcho conta-nos a bonhomia com que tratava os seus escravos. Seneca, comendo com os seus, apesar dos seus sessenta milhões de fortuna, escrevia ao seu amigo Lucilius:

«Soube pelos que me vieram de tua casa a familiaridade em que vives com os teus escravos. Isso é digno da tua sapiencia e da tua instrucção. São escravos? Não, são homens, são os companheiros da nossa vida, são os amigos humildes. Considera-os antes irmãos em servidão, se reflectires que a fortuna é varia e que tem o mesmo imperio sobre elles e sobre ti.

Obedecendo a este impulso, os im-

alumno matou o cabo, porque havendo sido o cabo *sua amante*, o abandonou ha pouco tempo, deixando-o inconsolavel na viuvez do coração, desconsolo que se converteu n'um odio tal, que arrastou o *desprezado* á vingança horrivel que se effectuou hontem no largo da Bemposta!!! Não houve outro motivo, não houve outra causa, não houve mais nada. Foi aquillo só!!! E vejam se não é para nós todos, nós todos que prezamos a dignidade da especie, corarmos de vergonha.

Mal conheci o biltre, o assassino. Tenho uma vaga idêa d'elle. Mas conheci perfeitamente o desditoso cabo aspirante a official de Caçadores n.º 12, addido ao regimento de Caçadores n.º 2, em cujo quartel vivia e onde se desconheciam os seus vicios. Antes era tido na conta de bem comportado. Os seus vicios! Os seus vicios, sim, mas talvez com attenuantes dignas de menção. O infeliz era uma creança. Depois era pobre, muito pobre, creio que vivia quasi unicamente do seu pret, uma ninharia, ou assim m'o referiram pelo menos. E' possivel, pois, que a miseria explique muito o vicio. Seja como fôr, o certo é que o motivo porque abandonou o alferes indica que se não tinha extinguido o pundonor n'aquelle homem. Os camaradas e condiscipulos, sabendo das relações vergonhosas que existiam entre elle e o assassino, voltaram-lhe as costas com desprezo. Foi então que o pobresito, estimulado no seu brio, resolveu romper definitivamante com o tal Marinho da Cruz.

Este, o Marinho da Cruz, foi sempre um alvar, um palerma, um sujo, ao que me consta. Ainda hontem me dizia um official d'artilheria:— «quem viu aquelle estafermo a chorar com medo dos cavallos, nunca o suppoz capaz d'uma infamia d'esta ordem.» E, de facto, o biltre até teve de passar para infanteria, não por falta de tolerancia no seu curso, mas porque não era capaz de montar um burro sendeiro que fosse. Quando via um cavallo punha-se a berrar e a chorar e nem á mão de Deus padre o montava. E como não podia sêr de artilheria e andar a pé no serviço viu-se obrigado a passar a infanteria.

O crime deu-se hontem pelas oito e meia horas da manhã, quasi defronte do edificio da Escola do Exercito. Quando o cabo Pereira se dirigia áquelle estabelecimento, o alferes alumno por detraz, traiçoeiramente, infamemente, disparou-lhe na nuca um tiro de rewolver. O rapaz cahiu de bruços, mortalmente ferido. Mas o monstro, com receio de que a victima ainda podesse viver, disparou-lhe, já moribunda, mais dois tiros nas costas, e, não contente, ainda puxou da espada para o atravessar. Que fera, que animal tão hediondo! E mata-se um cão damnado, e mata-se um lobo, e mata-se um tigre, e deixa-se viver aquillo! Não quero defender a pena de morte, mas o facto é que todos os seus impugnadôres cahem desalentados deante d'estes crimes horrorosos. Hontem, um dos meus amigos queridos, inimigo *á outrance* da pena de morte, que no furor de atacar até chega ás vezes a dizer tolices na sua alta illustração, exclamava indignado ao pé de mim:—Sim, sim, ou seja louco ou não seja, só ha o fusilamento para aquillo. Se eu tivesse um rewolver e estivesse junto d'elle quando praticou o crime, assassinava-o. «E foi esse o primeiro movimento de todos em Lisbôa. Hontem não houve impugnadôres da pena de morte n'esta capital!

Entretanto descancem todos, que nem talvez responda a conselho de guerra. A capa da misericordia ha de se estender alli, principalmente pertencendo elle, como pertence, a uma familia altamente collocada:— «Vae para Bastilha, dizia-me ha pouco com muita graça um capitão do exercito. Rilhafolles é a Bastilha portugueza, onde se mettem os criminosos d'alta prole e alto escandalo.» A Bastilha! Bem apanhada, sim senhores.

Para rematar ahi vae uma censura ao desleixo de um estabelecimento official. Na Escola do Exercito era sabido que o alferes alumno declarava que mataria o pobre cabo. Este mesmo, ao que parece, se queixara d'essa ameaça ao commandante da Escola. Era sabido que a exaltação do Marinho da Cruz chegára a ponto d'elle puxar pela espada junto da rua do Ouro para ferir um alumno d'estado-maior. Porque foi então que as senhoras eminencias da escola do exercito não tomaram providencias para prevenir um crime? Ai que se os *papeis publicos* começam a malhar vem agora tudo á luz!

Na noute de terça para quarta feira, seriam duas horas, tambem foi um individuo ao quartel de caçadores n.º 2 pedir ao sargento da guarda que não deixasse sahir o cabo, senão o alferes o mataria. O sargento levou o facto ao conhecimento do capitão de inspecção, que de manhã chamou o cabo e lhe perguntou o que havia a tal respeito. O cabo pareceu não dar importancia ao facto, dizendo que era uma tolice do alferes e nada mais. Infeliz, mal sabia elle que teria de pagar no dia immediato com a vida essa tolice!

Por aqui se vê que se houvesse mais cuidado da parte de todos talvez se evitasse um grande crime. Sempre a falta de cuidado!

Nota final: — o assassino está frio e indifferente como se nada tivesse havido!

Y.

Carta da Bairrada

—

Abril, 23.

Tem corrido optimo o tempo para o amanho das vinhas. As cavas vão-se fazendo em excellentes condicções, e estariam mais adiantadas se não escaceassem os braços, havendo uma grande importação de trabalhadores de fóra para se poder vencer tamanha campanha, pois é justamente o trabalho das cavas o serviço que requer maior numero de operarios e mais cuidadosa attenção da parte dos viticultores. Vão tambem começar as primeiras enxofrações, logo que cessem as chuvas de trovoada que vieram com a semana santa.

A nascença nas vinhas não é egual e geralmente reputa-se pequena. A *pyrale*, ou lagarta das vinhas tem feito grandes estragos nos vinhedos da Bairrada. E' um dos flagellos que está preoccupando seriamente n'esta occasião todos os proprietarios de vinhas.

Continua a exportação de vinhos para França. Ha ainda alguns vinhos para vender, mas não de 1.ª qualidade. Os preços oscillam entre 7 e 8 libras a pipa de 570 litros.

*

Está transferido para Lisboa o joven delegado d'Anadia, sobrinho do illustre deputado vitalicio por este circulo e actual presidente do conselho de ministros.

Deixa por estes sitios grandes saudades, principalmente a alguma encarcerada da cadeia d'Anadia a quem o *rigido* magistrado fazia a côrte mais descarada. Um escandalo, que bastava só por si para anniquillar a carreira d'um funccionario em tempos que não fossem...de moralidade progressista.

Revista internacional

BELGICA

A grave questão social que se agita na Belgica, no paiz modelo de monarchias constitucionaes, para nos servirmos da phrase corrente, deve ter produzido um desagradavel abalo no espirito dos chefes cujos Estados são modelos exclusivamente de desmoralisação politica e de inepcia administrativa, v. g., Portugal.

A Belgica é um pais onde as camadas inferiores do mechanismo social se impõem pela sua illustração aos poderes constituidos, e os ultimos acontecimentos tiveram os resultados deploraveis nas represalias provocadas pelo furor hydrophobo do gabinete reaccionario tentando abafar á bayoneta as aspirações justas da miseria explorada.

Mas a cratera está aberta, a despeito de todos os esforços para impedir a erupção. A grève de Lieja, Charleroi, Thurns, Gante e Wetteren, aggravada ultimamente ameaça invadir toda a nação.

O que em principio era um movimento isolado, produzido pelo estado miseravel em que se encontram os infelizes trabalhadores das regiões mineiras, é hoje um movimento politico-socialista em fórma, uma reacção decidida, energica, contra a monarchia belga, e sobre tudo um protesto vigoroso do trabalho, originado nas demasias de toda a ordem exercidas pelo capital sobre a classe proletaria.

Do aspero caracter que os factos tomaram rompem sombras tempestuosas. Depois do vil procedimento do clerical gabinete da Belgica, affigura-se-nos irreconciliavel a lucta, porque entre os odios que se chocaram fazendo correr sangue, não pode haver transicção possivel.

Apurou-se com exactidão que os salarios dos mineiros na Belgica são diminutissimos. Quando se pensa nos rudes e penosos trabalhos das minas, quando se sabe que esses trabalhos alcançam 12 horas por dia com uma retribuição entre tres francos *maximum*, e um franco e vinte cinco centimos *minimum*, o raciocinio imparcial e sereno ha de condemnar fatalmente a exploração dos infelizes pelo egoismo sordido dos capitalistas.

Não obstante a critica situação economica dos proletarios, o ministerio ultramontano nem lhes consentiu o desaffogo da queixa e do protesto. A's supplicas rasoaveis e pacificas que os trabalhadores dirigiam ás companhias mineiras pedindo augmento de salario, respondia-se com evasivas mais ou menos petulantes; aos protestos tumultuosos, consequencia logica e fatal da miseria escarnecida, responde-se com a metralha.

O governo da Belgica que sob a farda dos ministros enverga o habito dos tonsurados, mandou o general Van der Smissen restabelecer a ordem (?), espalhando a morte no lugar dos acontecimentos. Foram dolorosas as scenas de desolação e de terror em Charleroi e Mons. O menor incidente, o mais ligeiro tumulto era reprimido com uma descarga cerrada ou uma carga de cavallaria. Protestavam em alta grita contra este morticinio feroz? Esses protestos eram abafados com durissimas repressões. Contam-se por centenas os mortos e os feridos, e por milhares os encarcerados. A tropa fusilava gente por assim dizer, indefeza. Os populares, á aggressão militar respondiam com pedras e á paulada.

Uma multidão faminta composta de homens, mulheres e creanças, expondo heroicamente o peito ás balas e ás iras do general Van der Smissen, exclamava:

—*Atirae; é-nos indifferente morrer de fome ou fusilados.*

Os actos crueis d'aquelle general fizeram vibrar a indignação unanime do paiz, exacerbando os animos da classe cujos membros foram trucidados. A solidariedade operaria alenta a insurreição. Rugem na sombra terriveis ameaças. E' que a chaga goteja ainda sangue, e a fome aguilhôa a impaciencia das victimas da grande anomalia social.

NOTICIARIO

Dos recibos que expedimos ha dias pelo correio para differentes cavalheiros nossos assignantes, foram solvidos já muitos. Não nos esqueceremos d'essa fineza que nos obriga sobremaneira, pela promptidão com que fomos attendidos.

Faltam-nos, ainda realisar os que enviámos para Cadaval, Boliqueime, Pesqueira, Silves e Villa Pouca d'Aguiar.

Ultimamente mandámos recibos para Lisboa e Barquinha.

Avisâmos por esta fórma os nossos assignantes para que não deixem de satisfazer a importancia dos seus debitos logo que lhes sejam apresentados os recibos.

Visitou na segunda feira esta cidade o sr. commendador Francisco Gualdino da Silva Rangel, um bello caracter, lhano, accessivel, um dos cavalheiros mais estimaveis que conhecemos, e seu dilecto sobrinho o sr. João Duarte da Costa Rangel, um amigo delicado e sollicito, quintanista da Escola Medica, que seguiram para o Porto no comboio da tarde. Não obstante o prazer demasiado breve de tão estimavel companhia, não olvidaremos jámais a franca e jovial camaradagem, que sempre animou essas digressões rapidas e despreoccupadas por algumas das paragens mais convidativas dos suburbios d'Aveiro.

Estes nossos amigos prometteram dar-nos mais vezes o contentamento da sua visita.

P. L.

Tem estado em perigos de vida, com um typho, o filho do nosso amigo, do Cadaval, Camillo José Soares.

Apetecemos ao moribundo as mais rapidas melhoras.

O nosso amigo *Veritas*, do Cadaval, nada tem com uma noticia publicada em o n.º 217 do nosso semanario, que disia respeito ao prior d'aquella villa.

Fazemos esta observação para desviar responsabilidades de quem não as tem.

São raros os dias em que se não vêem por ahi ahi occorrencias, que sendo uma constante ameaça de accidentes lamentaveis, representam ao mesmo tempo um escarneo ás posturas municipaes.

Referimo-nos principalmente ao proceder dos carreiros, cujo desleixo ou antes o desleixo de quem cumpria corrigil-os, tem causado muitas desgraças. No entretanto elles continuam abandonando os vehiculos á mercê dos animaes que os tiram, e quando muito limitam-se a fazer sentinella na rectaguarda, estimulando os bois á força de aguilhoadas selvagens e crueis.

Era convenientissimo que a

---

peradores, mesmo os mais crueis, fizeram leis para salvaguardar os escravos. Nero encarregou um magistrado de receber as suas queixas. A lei Petronia, promulgada n'esse tempo, prohibia que os lançassem aos animaes. Nos reinados de Adriano e Antonino tirou-se aos senhores e concedeu-se aos magistrados o direito de vida e de morte, salvo em caso de legitima defeza, ou se se encontrasse o escravo na cama com a mulher ou filha. O prefeito da cidade ficou incumbido de limitar a crueldade dos castigos. Domiciano prohibiu a castração dos escravos.

Não só os philosophos obtinham estes resultados dos imperadores que procuravam compensar o seu despotismo por alguns favores concedidos aos escravos que soffriam toda a casta de tyrannia, mas ainda procuravam levantar a dignidade dos infelizes. Ousam sustentar que o escravo é um ser moral, capaz de virtude. O quarto livro de Appiano não parece escripto senão para comprovar com factos esta demonstração. Não só se esforça por proteger o escravo, mas rehabilita-o.

Com Planto e Terencio, o escravo levanta-se indignado com a injuria e diz ao senhor:—Eu sou homem como tu. Silius Italicus conta a historia de Tagus, nobre hespanhol que Asdrubal fez crucificar. Um dos escravos do nobre vingou o patrão matando Asdrubal.

E' verdade que se ousavam concluir pela egualdade moral, não ousavam concluir pela egualdade civil. Era essa a egualdade a que Seneca se limitava, como Luciano, que estabeleceu a egualdade na morte. Mas que mais fizeram os apostolos, os doutores christãos? Nada! Conheceu Paulo, por ventura, outra egualdade e outra fraternidade que a egualdade e a fraternidade em Deus?

Entre os philosophos e os apostolos christãos, ha entretanto uma differença: os apostolos teem mais do que os philosophos a hypocrisia e de menos o sentimento profundo e desinteressado da humanidade.

A Biblia é pouco amavel com os escravos. Faz dizer a Noé: «que Chanaan seja maldita, que seja escrava dos escravos!»

O Ecclesiaste contem esta maldição contra o escravo: «Para o escravo pão, correcção e trabalho. Trabalha quando o castigam. O jugo e a correia fazem curvar o pescoço mais duro e não ha como o trabalho continuo para amaciar o escravo. Para o escravo malicioso torturas e ferros...»

O evangelho cala-se sobre os escravos. Os apostolos não querem chamar os escravos à liberdade. Paulo diz expressamente: «Escravos, obedecei aos senhores na carne com receio e medo, como ao Christo na simplicidade do vosso coração. Que os escravos se submettam aos seus senhores, agradando-lhes em todas as cousas, não os contradizendo, não os enganando, antes provando-lhe em tudo a sua submissão, para que observem fielmente a doutrina do salvador, nosso Deus.»

Os christãos conservavam os escravos e eram menos benevolos com elles do que os philosophos como Seneca. João Chrysostomo conta que uma rica matrona christã mandava prender as joveus escravas à sua liteira e chicota-l'as como animaes.

E' verdade que Paulo dizia aos senhores:

—Senhores, dae aos escravos justiça e egualdade, porque tambem tendes um senhor no ceu; perseverae na supplica, velae para rezar e dar graças...»

Mas era segundo Jesus e segundo a Biblia que Paulo fallava assim? Não, mas segundo Epicteto, Horacio, Seneca e todos os declamadores da epocha. O christianismo nada trouxe; ficou nos dados da philosophia do tempo. Recuou mesmo n'esse ponto: Ignacio escrevia a Polycarpo—«Não desprezeis os escravos, mas não lhe alimenteis tambem a esperança de serem libertos pela communidade da Egreja, não se vão elles tornar escravos das suas paixões.»

Ao menos os philosophos não prohibiam aos escravos que levantassem a cabeça e que aspirassem a dispor da sua individualidade. E o christão, abusando do equivoco a que nos temos referido, conserva-o durante a vida no seu estado de escravidão e abjecção. E' a liberdade alem do tumulo, de que fallava Luciano!

Chrysostomo junta à mesma these um outro argumento: «A escravatura é um bem, porque é uma occasião de merito para o christão... A autoridade apostolica manda que se fique submettido ao senhor.»

Para preservar os escravos da perigosa «escravatura» das suas paixões e lhes fornecer occasiões de merito, a Egreja de Roma obtem-os, como as Egrejas d'Africa e do Oriente. O 1.º concilio d'Arles e o 2.º d'Orange ferem d'excommunhão quem quer que ouse apoderar-se dos escravos pertencentes aos clerigos. Pelo concilio reunido em Roma, em 1049, sob Leão IX, toda a mulher que se provasse ter-se prostituido a um padre no recinto da cidade ficaria escrava do palacio de Latrão. Confiscação pessoal que revertia em proveito do bispo em muitas egrejas d'Italia! Esta medida foi approvada por todos os santos personagens do tempo.

Quanto aos tratamentos infligidos aos escravos, a Egreja é muito mais tolerante de que os philosophos. Pelo 11 concilio d'Arles, se um escravo é impellido ao suicidio pelos rigores do senhor, a culpa é do escravo. O concilio d'Elvira decreta no seu quinto canon «que a mulher que no furor da cholera assassinar a chicotadas uma das suas escravas, seja admittida á communhão dos fieis depois de sete annos de legitima penitencia se o fez voluntariamente, ou depois de cinco annos se a morte se deu por accidente.» Ora confessêmos que esta penitencia è uma pechincha por uma vida humana.

Não só a Egreja é mais dura para os escravos de que os philosophos, mas ainda está longe de os rehabilitar como elles, de admittir a sua egualdade moral.

O concilio d'Elvira (305) não consente que os libertos sejam clerigos. No seculo quinto, Leão I «indigna-se por ver admittir às ordens sacras pessoas que se não recommendam pela dignidade da sua origem»; de que haja escra-

auctoridade fizesse sentir áquelles transgressores o seu mau proceder, já não guiando pela soga os animaes, já maltratando-os d'uma fórma que revolta.

Apezar de não termos policia organisada, parece-nos que aquellas duas irregularidades pelo menos, podiam ser reprimidas sem grande difficuldade.

A falta d'espaço inhibe-nos de publicar hoje alguns escriptos, que irão no proximo n.º.

Falla-se em que o sr. D. Augusto volta a visitar esta cidade. Parece que o mexilhão produziu em sua alteza fervidos estimulos. Não nos admira, porque isso é a doença endemica cá da terra dos ovos molles.

A' parte as excepções, creatura que entre no mexilhão e pape uma dóse de camarões bruxos, está nacionalisado de facto na patria de José Estevam.

Pois meu rico duque de Coimbra, se o tal marisco que fez a celebridade da nossa terra, vos titilla pruridos maganos ou vaidosos, arriscaes-vos a assentar aqui o vosso quartel-general, o que a qui á puridade, não seria nada lisongeiro para as finanças particulares do *grand mond*, já profundamente abaladas com a ultima visita de vossa alteza.

Por quem sois, alteza, não vinde. Sêde vós prudente, já que não tem juizo quem o devia ter.

Já nos visitou a deploravel calamidade que victimou outros pontos do paiz:— a consumpção da carne de porco nas salgadeiras.

A's primeiras noticias sobre o facto que nós reproduziamos d'outros jornaes se deve o salvar-se aqui grande quantidade de carne, porque examinando as salgadeiras encontrou-se já muita d'ella com grandes buracos, restando n'essa parte apenas o couro e a fevera, se a havia. Não obstante são consideraveis os estragos.

O tal sr. Felix de Mira Neves, a quem se referia um communicado que a pedido do sr. Antonio Baptista de Sousa e sob sua responsabilidade, foi publicado no nosso jornal de 18 do corrente, escreveu-nos uma carta em resposta ao dito communicado que não publicâmos por nos ser dirigida em termos insolentes e grosseiros.

Nada temos com as questiunculas travadas entre estes dois individuos, e apenas satisfizemos a um pedido publicando o dito communicado, e porque o sr. Mira Neves nunca nos mereceu a mais insignificante consideração.

Comtudo para sermos imparciaes em tal questão, teriamos publicado a carta que nos enviou se se mostrasse mais delicado e não viesse com umas allusões grosseiras e porcas, muito proprias de tão reles individuo.

Com vista ás auctoridades que promoveram o escandalo do enterramento de Jeronymo Salgado:

«O barão Kérvyn de Volkaersbeke, burgomestre de Nazareth, na Belgica, foi encerrado na casa correccional de Gand, para alli soffrer a reclusão de 8 dias a que foi condemnado pelo tribunal de appellação de Gand, por ter mandado enterrar o cadaver d'um livre pensador n'um recanto escuro do cemiterio onde estão collocados os ourinatorios.»

Ou lá ou cá, sr. Mendes Leite. Olhe a justiça como foi inexoravel para o burgomestre!

Lá ao menos faz-se justiça. E cá anda arrastada pela lama das contemporisações e das pusillanimidades.

O confronto não deixa de servir.

O pulha do Calino quer por força ser egual aos homens. E d'ahi não cessa de se atirar ao sr. juiz de direito, porque outros juizes de direito condemnaram a dois ou trez dias de cadeia quem tirou um desforço leal, em combate leal e singular, e o d'esta comarca o condemnou a elle a quinze dias por haver praticado uma infame covardia. Já é ser pulha!

Sahiu finalmente á luz o trabalho do nosso amigo Carrilho Videira— *A questão social.— As bodas reaes e o congresso republicano.*

Sobre a importancia d'este livrinho já fallamos em o n.º 216 do nosso jornal, e escusado é insistirmos, agora que o livro está á venda e por elle poderá quem quiser apreciar melhor os ensinamentos que elle contém.

Chegaram-nos alguns exemplares que estão expostos á venda na administração d'este jornal e no estabelecimento da viuva Fontes Pereira de Mello, á praça do Commercio.

N'este estabelecimento tambem se acha á venda o livro de Paulo Angulo, em que este famoso revolucionario hespanhol narra minuciosamente os tramas que antecederam o assassinato do general Prim.

Ambos os livros, pois, são de maximo interesse na presente occasião.

Repetem-se as queixas contra o pessimo serviço do caminho de ferro do norte, que causa sérios embaraços e graves transtornos ao commercio.

A Companhia que amarfanha com todo o desplante os gabinetes do sr. D. Luiz, presta nenhuma attenção ao publico que debalde pede providencias. As mercadorias levam um tempo extraordinario a chegar ao seu destino. Os antigos carroções talvez fizessem agora concorrencia vantajosa ás locomotivas a vapor.

O praso que nas guias limita o tempo da trajectoria, não vale nada, porque as mercadorias vindas principalmente das estações do sul, quasi sempre chegam com muitos dias de atrazo.

O commercio sobre tudo soffre muitissimo com semelhantes irregularidades no serviço. Mas estes senhores da Companhia, conscios da impunidade, fallam de papo ás reclamações justas do publico.

Foi tão avultado o numero de pessoas indigentes que dirigiram petições á santa casa da Misericordia de Lisboa que costuma na semana santa distribuir esmolas, que a administração da Misericordia se viu necessitada a não attender a uma grande parte dos supplicantes.

E' um sarcasmo pungentissimo que cáe no meio da orgia realenga. A miseria acabrunha principalmente em Lisboa centenas de familias emquanto o dinheiro do paiz se esbanja para occorrer a todas as commodidades da real gente!

Tremenda iniquidade, e repugnantes e cynicos exploradores! Deixae estar, que a vossa hora soará tambem, insignes devassos!

Está calculada em mil libras a despeza que dos cofres publicos se vae fazer com a renovação do hipodromo das corridas de cavallos no Bom Successo, hipodromo que pertence a uma sociedade particular.

Oh! Zé, vae contando. E vendo como o teu suor é esbanjado sem o menor escrupulo. As festas da creançola hão-de esticar-te o coiro um palmo bem puxado.

Mas repara ainda Zé:

A divida fluctuante augmentou no mez de março, o primeiro d'administração progressista, 323 contos.

Bom principio de economia!!!

E' verdade que tu, meu bom Zé, lá de fluctuantes não pescas nada, mas sentes... na bolsa as flutuações.

Este bom governo que ao sr. D. Luiz approuve guindar até ao supedaneo do throno está a cada passo esbarrando em... coherencias á progressista. E querem estes diabos que o paiz cale ante os monstruosos desvarios da sua gerencia.

Por ter praticado o medonho crime de transmittir para um jornal um telegramma de Bragança, no qual se disia que ali tinham sido soltados vivas á republica, foi mandado suspender por espaço de 30 dias o empregado que fez essa transmissão.

Os marotos entraram com pés de lã, e disseram palavras tão melifluas e vão-nos saindo uns tyrannetes de bom calibre.

Lê-se no «Diario do Governo» de 10 do corrente:

«Sua magestade el-rei, attendendo á coveniencia de se fixarem n'uma percentagem uniforme as deducções concedidas no producto do pescado para as comedorias ou caldeiradas, restomengas e carnadas, de que trata o § unico do artigo 1.º da lei de 10 de julho de 1843, e cuja desegualdade, por tão extraordinaria, representa uma grave injustiça e tem dado logar a reclamações da parte de alguns donos de barcos de pesca; e conformando-se com o parecer do administrador geral das alfandegas e contribuições indirectas; dado sobre informações obtidas das auctoridades competentes: ha por bem determinar que em todos os postos do continente do reino e ilhas adjacentes, onde se cobra imposto do pescado, se deduzam do producto do mesmo pescado 30 por cento com applicação ás referidas comedorias ou caldeiradas, restomengas e carnadas, que por lei são isentas do imposto exigindo-se este dos restantes 70 por cento, não podendo em caso algum fazer-se abatimento, pelo qual ficam para todos os effeitos substituidos, d'aqui em diante, os que por uso e costume até agora se faziam.

Paço, 8 de abril de 1886— *Marianno Cyrillo de Carvalho.*»

O sr. Rodrigues de Moraes escreve o seguinte no *Agricultor Portuguez*:

«Dizem da Bairrada que ha grandes receios do ataque da *pyralis* este anno, por se ter desenvolvido muito a sua propagação nos annos anteriores.

E' muito fundamentado este receio e os viticultores d'aquella importante região não devem deixar de munir-se das caldeiras proprias da escalda e das luvas de malha de arame.

Esta machina e este instrumento tem ambos por fim matar as larvas que se encontram debaixo da casca das cepas e agora despertam. Não ha por isso tempo a perder e não se deve esquecer que o terrivel lepidoptero póde em pouco tempo fazer perder uma colheita.»

Foi determinado superiormente que todos os volumes com mercadorias estrangeiras que seguirem no caminho de ferro de Lisboa para o Porto, vão ligados com fio de ferro e sellados.

Muitas casas de commercio d'aquella cidade se haviam queixado de roubos praticados em volumes sujeitos aos direitos, descarregados em Lisboa e transportados depois para ali pelo caminho de ferro.

Arribou ha dias ao Fayal uma galera allemã, com os mastros partidos por effeito d'um tufão de vento. Estava carregada d'algodão cujo valor é de 200 contos aproximadamente.

Em Gouveia foi condemnado um barbeiro em 18 mezes de prisão porque desejando um individuo que lhe tirasse um dente lhe arrancou trez.

Em differentes pontos de Elvas tem morrido grande numero de rezes victimas de febre carbunculosa.

N'uma das ultimas eleições em Valencia, Hespanha, appareceu na urna a seguinte lista:

«Voto por Satanaz, para que leve para as profundas do inferno todos os *negociantes* politicos que causam a ruina da minha patria.»

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo, de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

Ha dias occorreu em Salamanca um sanguinolento drama de familia em frente d'um cadaver, por causa das roupas com que havia de ir amortalhado para a sepultura.

Tinha fallecido uma rapariga recem-casada, e discutiam sobre como haviam de vestil-a uma irmã, os paes e o marido, e tão violenta se tornou a discussão que o viuvo deu uma navalhada no sogro e feriu a cunhada. O sogro agarrou n'um pau e rachou a cabeça do genro.

Nos orçamentos lidos na camara franceza pelo sr. Sadi Carnot mencionam-se grandes desfalques no thesouro, que existiam de tempos remotos, até ao anno de 1870, em que a republica triumphou.

Resulta em numeros redondos, que até abril de 1814 (primeiro imperio) o desfalque attinge 99 milhões; nos reinados de Luiz XVIII e Carlos X, 51 milhões; no reinado de Luiz Filippe sommam os desfalques 491 milhões; durante a segunda republica (desde 1848 a 1851) 29 milhões; no segundo imperio, 58 milhões.

A actualidade não desmente a tradição perdularia e esbanjadora da realeza em todos os tempos.

BIBLIOGRAPHIA

Republicas.—Sahiu o n.º 66 (8.º da 3.ª serie).

Toda a correspondencia deve ser dirigida a A. Barros, rua Nova do Carmo, 90, 1.º—Lisboa.

*

O Pastelleiro de Madrigal. — Recebemos o fasciculo n.º 23. E' editora a Empreza Noites Romanticas.

Assigna-se em Lisboa, na rua d'Atalaya, 18.

*

Os milhões do criminoso. Recebemos o fasciculo 19 d'este explendido romance editado pela empreza Serões Romanticos.

---

vos elevados ao sacerdocio, «como se a villania servil tivesse o direito de attingir aquella honra. O sagrado mysterio é polluido pelo seu contacto.»

Como poderia, pois, ser tratado como homem o escravo aviltado d'esta forma? Se não é obediente, tanto peior para elle; o insulto abunda primeiro, sem limites, e depois os golpes, as chicotadas, as bastonnadas. E' preciso ordem e paz no ergastulo, porque da paz domestica vem a paz e a ordem para cidade («Cidade de Deus», lib. XIX, c. XIV). Esta ordem chama-se a força, que existe atravez de soluços e dos gemidos do escravo.

Agostinho vae mais longe: em lugar de rehabilitar o escravo, como o tinham feito os philosophos, faz a theoria da escravatura para o justificar.

«A condição servil, diz elle, è imposta em bom direito aos peccadores. A culpa, não a natureza, mereceu aos escravos o seu nome. O direito da guerra auctorisava a matar os vencidos; mas conservados pelos vencedores, foram chamados escravos, o que é ainda a pena do peccado; porque quando se faz uma guerra justa, combate-se pelo peccado e contra o peccado; e toda a victoria, ainda que seja adquirida pelos maus, por uma decisão da justiça divina, humilha os vencidos e corrige e pune peccados.» («Cidade de Deus», lib. 19).

E mais:

«Deus constituiu a sua Egreja de forma que todo o poder fosse honrado e respeitado. O poder primeiro e quotidiano do homem sobre o homem, é o do senhor sobre o escravo. Quasi todas as casas teem esta especie de poder. Ha senhores, ha escravos; são nomes differentes. E que diz o apostolo ensinando os escravos a ser submissos ao senhor? Escravos, obedecei aos vossos senhores na carne, porque elle è senhor no espirito. Aquelle é o verdadeiro senhor, o Senhor eterno. Estes são os senhores temporaes. Christo não te quiz fazer soberbo. Gosas a felicidade de ser christão e entretanto tens um homem por senhor; mas tu não és seu escravo, és escravo d'aquelle que te ordenou que o fosses. Christo não fez dos escravos homens livres, mas dos maus escravos bons escravos. Quanto não devem a Christo os ricos, que levou a boa ordem ás suas casas!»

De maneira que Jesus não veio para libertar os escravos, mas para os melhorar. E' um zootechnico do rebanho humano! Não os livra da escravidão; melhora-os para uso do senhor. Jesus é um professor d'escravos, que emprega as promessas do Céo em lugar d'empregar chibatadas para os tornar mais doceis e submissos. E' um outro meio de educação, mas o resultado é o mesmo, e os ricos deveriam evidentemente favorecer uma religião, que promettendo ao escravo um sonho, o amansava, o tornava humilde, quasi contente da sua sorte. O christianismo, segundo esta doutrina d'Agostinho, desviava o escravo da sua reivindicação incessante, da sua ambição de liberdade, mostrando-lhe alem da morte uma compensação. Que soffra n'esta vida com paciencia e que não pense no direito, que o não tem! A sua submissão é, pois, uma virtude. Deve obedecer, é esse o seu papel, e Jesus manda-lhe que assim o faça em consciencia. Que seja bom escravo, que receba chicotadas e pontapés do senhor sem se queixar, que será recompensado no ceo. O ceo torna-se, d'este modo, um premios de servilismo, um estimulo à obediencia passiva.

E continua o equivoco permanente, a hypocrisia constante, a charlatanice do christianismo desde o primeiro dia, com a sombra d'esperança sempre ao fundo. «O apostolo advertiu o escravo de que fosse submisso ao seu senhor até que a iniquidade passe e que toda a dominação humana seja aniquilada...»

—E quando vem isso? pode dizer o escravo impaciente

«Quando Deus existir em todos nós.»

Até lá espera, ingenuo, com a fronte na poeira e a esperança no fundo d'alma. Essas respostas não compromettem o pontifice da Egreja. Não o malquistam com os poderosos do dia, por que elle pode dizer:

«Não vedes o que ha no fundo d'estes vagos protestos? E' a obediencia immediata e a resignação!»

Nós vos fazemos escravos promptos a amar a escravatura. Houve nunca serviço maior do que este? Nós vos fazemos escravos e com uma tal habilidade que imaginaes encontrar em nós libertadores. Escutae:

«A iniquidade ou a adversidade tornou o homem escravo do homem: a iniquidade que fez de Chanaan maldita escrava de suas irmãs; a adversidade que fez com que Joseph vendido por seus irmãos fosse escravo d'um estranho.... Ha mesmo uma certa ordem natural que submette as mulheres aos homens, os filhos aos paes; e è de justiça que a razão mais debil se submetta á razão mais forte. Portanto, nas dominações e nas escravidões, é d'evidente justiça que os que são superiores pela razão sejam superiores pela dominação.» («Quest... in Genes.», lib I.)

Logo a escravatura é uma consequencia do peccado. O escravo é maldito de Deus. Quem poderá condoer-se do maldito? Suspendei, parae a vossa simpathia por elle, que é contra os fins de Deus, que se torna um crime.

Eis a theoria do christianismo. Quem sustentará que essa theoria é superior á theoria de Epicteto? Quem ousará pôr as palavras d'Agostinho acima da carta de Seneca a Lucilius?

A discussão, no fim de contas, não era precisa para nada. Ahi estão os factos esmagadores para responder aos impostores que, envergonhando-se das verdadeiras doutrinas do christianismo, o querem enfeitar, mascarar, fardar, para o apresentar á civilisação do seculo desenove. Dizem que o christianismo libertou o escravo; para que tinha então a Egreja escravos no seculo quinto? Que digo eu? Para que os tinha no seculo onse? Não eram os ultimos servos libertados, antes da Revolução, servos da Egreja? Para que justificava Bossuet a escravatura no seculo desoito? Porque é que os ultimos paizes d'escravos são paizes catholicos: a Hespanha e o Brazil?

(CONTINUA.) IVES GUYOT.

O resumo do entrecho da presente caderneta é a seguinte:

O resumo do entrecho da presente caderneta é o seguinte:

Luciano Labroue, reanimado pelas palavras de conforto e de energia da sua noiva, decide-se por fim a dar alguns passos no intuito de sahir da precaria situação, em que se encontra.

Vae procurar um dos seus amigos da infancia, o moço advogado Jorge Darier, que o recebe de braços abertos, e lhe promette a sua protecção. Em casa d'elle encontra casualmente o pintor Etienne Castel.

Joanna Fortier, depois de se haver evadido da prisão, graças ao seu disfarce, pergunta aos tranzeuntes qual o caminho que deve seguir, e dirige-se para a estação do caminho de ferro. Antes de ali chegar, compra um vestuario que lança sobre si a toda a pressa, e que lhe dá a apparencia de uma camponeza, e consegue assim chegar a Paris, depois de deixar o comboio em Saint-Denis.

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26— Lisboa.

*

A Illustração Portugueza.— Recebemos o n.º 39 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

Publicações litterarias

OS

MILHÕES DO CRIMINOSO

Os «MILHÕES DO CRIMINOSO» são a ultima e a mais interessante obra de Xavier de Montépin, auctor dos romances: «O Fiacre n.º 13, Mysterios de uma herança, Crimes de uma associação secreta» e «As mulheres de Bronze.»

1.ª parte— O Incendiario.
2.ª parte— O grande industrial
3.ª parte— A luz da verdade.

Edição ornada com primorosas gravuras e com chromos a finissimas côres, dos quaes o primeiro é o retrato de Montépin.

Cada chromo 10 réis— 50 réis semanaes.

Brindes a cada assignante: 100$000 réis em 3 premios pela loteria e um magnifico album das principaes vistas de Belem no fim da obra.

Assigna-se na empreza editora Belem & C.ª, rua na Cruz pe Pau, 26, 1.º Lisboa.

Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura paga adiantada e na importancia de 5 fasciculos.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

Explendida edição portuense, illustrada com 500 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanaes de 32 paginas ao preço de 100 réis, pagos no acto da entrega.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Livraria Civilisação de Eduardo da Gosta Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

ARNALDO GAMA

O SARGENTO-MÓR DE VILLAR

(2.ª edição illustrada)

O incançavel editor portuense, Eduardo da Costa Santos, já tem muito adiantada a publicação do «SARGENTO-MÓR De VILLAR» (2.ª edição illustrada.)

A obra constará de dous volumes in 8.º, e será illustrada com doze gravuras. No Porto, será distribuida em cadernetas de 64 paginas e uma gravura, pelo preço de 100 réis cada caderneta, pagos no acto da entrega. Não excederá a 12 cadernetas, que serão distribuidas quinzenalmente.

Para as provincias só se acceitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de CINCO FASCICULOS, excluindo as despezas de porte do correio, que serão pagas à custa da casa editora.

Concluida a publicação da obra, a casa editora distribuirá por todos os srs. assignantes uma explendida gravura executada expressamente na Allemanha.

Assigna-se na Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, Editor, Rua de Santo Ildefonso— 4 e 6— PORTO.

BIBLIOTHECA DO CURA DA ALDEIA

211—RUA DO ALMADA—217

PORTO

OS PREDESTINADOS

POR

HENRIQUE PEREZ ESCRICH

Preço de cada volume 500 reis.
Para os srs. assignantes 450 reis.

Está no prelo, e já muito adiantada a impressão do 4.º volume.

Para as provincias far-se-ha a expedição, franca de porte, mediante pagamento adiantado.

Ainda se recebem assignaturas na livraria do editor Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 211 a 217, Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Em Aveiro assigna-se na livraria do sr. David da Silva Mello Guimarães.

NOVIDADE LITTERARIA

GUERRA JUNQUEIRO

A VELHICE DO PADRE ETERNO

Um bello volume em papel cartonado custa 1$000 réis.

Pelo correio, registado, 1$120 réis.

Pedidos aos editores:

ALVARIM PIMENTA & LEITÃO
Rua de Santo Ildefonso, 394 — Porto

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESBOÇO DE CRITICA

OTHELLO

O MOURO DE VENEZA

DE

WILLIAM SHAKESPEARE

Tragedia em 5 actos, traduzida para portuguez por

D. Luiz de Bragança

A' venda na Livraria Civilisação, de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

Preço, 300 réis; pelo correio, 320.

ANNUNCIOS

GENEBRA—MOREIRA & C.ª

CHAMAMOS a attenção de todos os srs. consummidores para estas qualidades de genebra E' a mais barata, a mais estomacal e a melhor até hoje conhecida.

Tem acolhimento geral em todo o paiz, e foi premiada na ultima exposição de Lisboa.

Deposito: Todos os estabelecimentos de mercearia e muitos outros no Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) Mor.ª & C.ª, e a rolha com a firma (fac-simile) dos fabricantes.

VIENNA (AUSTRIA)

QUASI DE GRAÇA!!!

42 PEÇAS formando um formoso serviço de me mesa por 3$850 réis!!

Por motivo de liquidação, é posta á venda, com o abatimento de 75 p. c., grande quantidade de prata Alfinide (Argenterie Alfinide).

Por 3$850 réis apenas

representando sómente metade da mão d'obra, do que antes se vendia por 60 francos, enviaremos o seguinte serviço de mesa, de prata Alfinide, muito fino e duradouro:

6 formosas facas de mesa
6 garfos
6 colheres de sopa
6 bonitas colheres de chá
1 grande colher de terrina
1 grande colher de legumes
3 formosas oveiras massiças
2 chicaras para sobremesa
1 pimenteiro e assucareiro
1 formoso coador para chá
3 magnificos assucareiros
6 formosos apoios para facas

Serviço de meza, de prata Alfinide por 3$850 réis

42 peças

BRANCURA GARANTIDA POR 10 ANNOS

Para receber os 42 objectos, formando um serviço completo de mesa, FRANCO, NO DOMICILIO em 9 ou 10 dias, dirigir ao Deposito geral das fabricas unidas de prata Alfinide, a M. RUNDBAKIN, II Hedwiggasse, 4, Vienna (Austria); remettendo adiantadamente 3$850 réis por meio de ordem particular ou postal.

Devolve-se o dinheiro, caso a mercadoria não convenha, tendo n'este caso o destinatario de satisfazer despezas de cerca de 350 rs.

HERPES E EMPIGENS

Curam-se em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas.

A' venda nas principaes pharmacias do reino. Em Aveiro, pharmacia Moura; emplhavo, João C. Gomes. Deposito geral, Iharmacia Maia, Oliveira do Bairro.

Venda de casas

Vende-se uma morada de casas altas, na rua do Sol. Quem pretender falle com José Nunes da Maia.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradave e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se à venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se trez vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dóse, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se egual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Companhia Nacional de Tabacos

Sociedade anonyma. — Responsabilidade limitada

CAPITAL—RS. 2.400:000$000

DEPOSITO EM COIMBRA

56 a 62 = RUA DA SOPHIA = 56 a 62

ESTE Deposito tem um completo sortimento de todos os productos das duas fabricas d'esta Companhia—**Lisbonense** e **Xabregas** e concede aos srs. estanqueiros eguaes descontos aos que facultam directamente as fabricas.

Novidade em: — **Folha picada, Rapé preparado, Cigarros muito fortes e Cigarrilhas.**

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

—=AVEIRO=—

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO N'ESTA EXPOSIÇAO

E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 500 reis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,,

AVEIRO=75, Rua de Jesé Estevam,9—7

(Pegado á Caixa Economica

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magnificos retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha e dos homens mais notaveis do seculo XIX.

GRANDE EDIÇÃO PATRIOTICA

Valiosos BRINDES a cada assignante, consistindo em 4 magnificos QUADROS compostos e executados por professores distinctos de Bellas Artes.

Os BRINDES distribuidos a cada assignante vender-se-hão avulsos por 50 mil réis.

A obra publica-se aos fasciculos, sendo um por mez.

Cada fasciculo, grande formato, com 64 paginas custa apenas 240 réis sem mais despeza alguma.

No imperio do Brasil cada fasciculo 800 reis fracos.

A obra é illustrada com notaveis retratos em numero superior a 40.

Esta collecção de retratos, rarissima, vende-se hoje, quando apparece, por 12 e 15 libras.

A obra completa, que comprehende 4 volumes grandes não ficará ao assignante por mais de 10$000 reis fortes.

O primeiro fasciculo sahirá em abril proximo.

Está aberta a assignatura para esta notavel edição na

LIVRARIA PORTUENSE DE LOPES & C.ª— EDITORES
RUA DO ALMADA, 123— PORTO

Recebem-se propostas para correspondentes em todo o paiz e no estrangeiro.